

Em direção à cura: Confrontando o Holocausto através do Psicodrama, Sociodrama e Rituais.

Yaacov Naor e Hilde Goett

Resumo

Em 'Confrontando o Holocausto através do Psicodrama, Sociodrama e Rituais' Yaacov Naor e Hilde Goett descrevem um projeto de *workshop* realizado com descendentes da segunda e terceira geração de sobreviventes do Holocausto e dos agressores. Eles discutem a transmissão transgeracional do trauma, e identificam as diferenças e semelhanças entre a vítima e os descendentes de agressores, bem como aqueles de origem mista. Eles descrevem como eles usam o psicodrama, o sociodrama e o ritual para criar o encontro, o diálogo e o começo da cura.

Palavras-chave

Diálogo, encontro, geracional, cura, Holocausto, agressor, psicodrama, reconciliação, ritual, sociodrama, sobrevivente, trauma transgeracional, vítima, aquecimento, *workshop*.

Introdução

Desde 1995, os autores foram conjuntamente envolvidos em um projeto especial de *workshop* psicodramático, "Confrontando o Holocausto através de Psicodrama, Sociodrama e Rituais", projetado para os descendentes da segunda e terceira geração de vítimas do Holocausto e dos agressores. Nosso propósito é ajudar os participantes a reconhecer e compreender as implicações morais, sociais e pessoais do Holocausto.

O fato de, como diretores do Psicodrama, termos vindo de lados opostos do Holocausto é único e especial. Trazemos conosco a história e o legado de nossas famílias. Yaacov Naor é o filho de dois sobreviventes do Holocausto.

Nasceu em 1948, em um campo de desabrigados no sul da Alemanha e se mudou com seus pais para Israel com um ano de idade. Hilde Goett nasceu na Romênia em 1953, sua família era parte da minoria alemã naquele país. Ela cresceu em meio ao tumulto. Por um lado, ambos os avós serviram no exército nazista e ela foi discriminada como filha de fascistas. Por outro lado, a avó foi deportada para a Sibéria pelo regime comunista. Quando ela tinha seus vinte anos, mudou-se com sua família para a Alemanha.

Começamos a co-liderar grupos de psicodrama e percebemos que compartilhávamos os mesmos objetivos e motivações. Ambos queríamos ensinar as pessoas a ouvir a história do Holocausto, para abrir espaço para a diferença, para respeitar o outro. Enquanto trabalhávamos juntos nos tornamos próximos. Nossas famílias se encontraram e lentamente nos tornamos bons amigos. Isso foi possível porque concordamos que o nosso propósito não era alcançar a reconciliação, mas sim ensinar os alemães e os judeus e outros que participavam dos *workshops* a serem testemunhas das expressões pessoais e únicas dos participantes e criar um diálogo mútuo.

A transmissão transgeracional do trauma

O interesse profissional pelo conceito do trauma transgeracional e pela transmissão de consequências traumáticas de geração em geração, aumentou ao longo dos últimos 20 anos e está agora bem estabelecido. Isso ocorre porque os estudos de caso, relatórios de psicoterapia e pesquisadores descobriram que a segunda geração de sobreviventes do Holocausto relataram os mesmos tipos de problemas emocionais e um sofrimento profundo, semelhante aos próprios sobreviventes do Holocausto. Já em 1994, Jürgen Müller-Hohagen, que realizou um trabalho psicoterapêutico por muitos anos, publicou seu entendimento sobre a forma como o trauma é transmitido.

Os critérios de diagnóstico do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), resultante de traumas de guerra são frequentemente aplicados embora a pessoa não tenha qualquer experiência pessoal de guerra. Mas os profundos sentimentos de vergonha e culpa, impedem um debate construtivo sobre a transmissão transgeracional do trauma do agressor. Tanto quanto sabemos, nunca houve uma investigação na Alemanha. A identificação com o poder, o

obscurecimento e a redefinição dos agressores como vítimas são algumas das características que são transmitidas nas famílias dos agressores. Se quisermos parar a transmissão do trauma de geração para geração, temos de encontrar uma forma acessível e adequada de lidar com e de processar o trauma do Holocausto.

Gabriele Rosenthal (1998) investigou a transmissão transgeracional do trauma de ambos sobreviventes e agressores do período nazista. Suas descobertas tiveram uma forte influência sobre o nosso trabalho. Ela faz perguntas sobre a formação de diálogo nas famílias de ambos os lados, sobre a influência do passado no presente. Rosenthal demonstra como o estilo de vida comum da família, as expectativas diárias dos seus membros, os sentimentos de segurança, aceitação e pertencimento resultam das experiências vividas no Holocausto. Ela compara os problemas dos descendentes das vítimas e dos agressores, e identifica semelhanças e diferenças.

Um dos pontos comuns que estes grupos de conflito compartilham é o silêncio, mas as motivações são diferentes. Nas famílias agressoras, é principalmente o medo da caça, da perseguição, da condenação e da execução que leva ao silêncio sobre o Holocausto. Nas famílias dos sobreviventes é a tristeza sentida por familiares assassinados, a vergonha de tal humilhação extrema e o desejo de proteger os descendentes da sombra destes terríveis acontecimentos. Outro ponto comum compartilhado pelos respectivos lados é o terrível efeito de segredos familiares, que nos sistemas familiares institucionalizados trabalham contra uma consideração temática do passado. Isso se reflete nas fantasias dos descendentes, que o expressam de muitas formas diferentes. Os descendentes das vítimas colocam questões sobre a culpa da sobrevivência, tal como "o que os sobreviventes fizeram para sobreviver?" Enquanto isso, os descendentes dos agressores fazem perguntas que implicam culpa, tal como "o que eu teria feito na mesma situação?".

O cenário do workshop

Oferecemos o *workshop* “Enfrentando o Holocausto através de Psicodrama, Sociodrama e Rituais” em dois cenários diferentes. O primeiro compreende uma série de seminários de finais de semana em um ciclo de dois a três anos. Estes incluem visitas aos memoriais de Auschwitz e Birkenau e psicodrama no Educational Encounter Center (Centro de Encontro Educacional), em Oswiecim. Em Birkenau, realizamos rituais criados pelos participantes do grupo. Estes cenários oferecem tempo e espaço para discussões e análises, e são adequados para pequenos grupos, de 15 a 25 participantes. Oferecemos, também, *workshops* de três horas em congressos e convenções para apresentar um exemplo do nosso trabalho, onde 30 a 80 participantes podem confrontar e discutir as consequências do Holocausto na atualidade. Nesses *workshops*, costumamos trabalhar com psicodramatistas e profissionais que estão familiarizados com a teoria de papéis e as técnicas do psicodrama. Os participantes têm idade entre 22 a 78 anos.

Os Participantes: os sobreviventes e os Agressores

Os participantes judeus que vêm para os nossos *workshops*, têm alguma ideia sobre o destino de seus familiares durante a Segunda Guerra Mundial, têm conhecimento concreto do que aconteceu ou retêm fragmentos que lhes afligem. Eles lamentam os familiares assassinados, a perda de uma família intacta e de uma rede social, e se sentem indignados em relação aos agressores que os sobrecarregaram com essa dor sem fim. Querem chegar a algum entendimento dessa dor, desespero e luto que parecem não ter fim. Os participantes das famílias de agressores expressam sentimentos diferentes. Geralmente, desejam negar a sua história familiar, combater os sentimentos de culpa e vergonha, e têm dificuldade em distinguir entre a culpa pessoal e a coletiva. Buscam um melhor entendimento de si mesmos e de suas famílias e querem se libertar de sua identificação como agressores. Muitos cresceram em um estado de medo constante de punição e querem discutir essa questão. Eles também procuram ajuda para chegar a termo com relação ao afeto que sentem por seus pais e mães agressores. Alguns também esperam pela redenção ou mesmo pelo perdão. Outros participantes vêm de famílias mistas, porque eles compartilham as experiências de ambas vítimas e agressores. Por exemplo, os

crístãos batizados, com descendência parcialmente judia, e pessoas de famílias que sofreram perseguição por sua orientação política, religiosa ou sexual. Estes participantes estão muitas vezes angustiados com a sua identidade e afiliação.

Bem como as diferenças, os participantes do *workshop* compartilham um espaço comum e esses pontos comuns são investigados em nossos seminários sem serem generalizados como experiências iguais ou idênticas. O silêncio do Holocausto pesa muito, todos sentem a necessidade de decifrá-lo e todos se sentem profundamente envolvidos como indivíduos, como membros da família e com relação ao outro lado. Assim, todos os participantes são vistos como traidores por suas famílias, porque traem o tabu do silêncio e buscam discussões abertas e análises. Eles enfrentam a família com seu passado conturbado e são, portanto, vistos como perigosos por outros membros da família. Tornam-se os bodes expiatórios, considerados as causas de desastres e acidentes. Dina Wardi (1992), uma psicanalista de Jerusalém, descreve bodes expiatórios de famílias judias como "velas de comemoração" que criam subjetivismo sobre o Holocausto e sustentam o luto por aqueles que pereceram. Nas famílias agressoras e mistas, aqueles que enfrentam seus familiares com seu passado nazista também são punidos e excluídos por quebrarem o código de silêncio. Eles carregam o medo, a vergonha, a culpa e a responsabilidade pelos pecados da família, da comunidade e do mundo. Nossos grupos são constituídos de bodes expiatórios de todos os lados do conflito, das vítimas, dos agressores e das famílias mistas.

O Trabalho: Do Encontro para o Diálogo para Cura

O trabalho é baseado no conceito de Moreno sobre o encontro que pode levar a um diálogo. As atividades incluem psicodrama, sociodrama, ritual, artes e atividades que desenvolvem a consciência, a confiança, a empatia e a aceitação. Nossa preocupação é iniciar discussões pessoais profundamente significativas sobre o palco do psicodrama, para encontrar uma linguagem para isto e para ficar ciente das diferentes verdades, a fim de superar as consequências do trauma coletivo durante o período nazista. Começamos com a premissa de que a experiência da força ou da violência é experimentada de

forma inata e que o trauma fica severamente sedimentado no corpo onde encontrou o seu lugar e é sentido fisicamente.

Como psicodramatistas e defensores de um método orientado para a ação, sabemos que um efeito duradouro ocorre quando a discussão ativa de um sujeito é profundamente sentida e penetra no processo de pensamento, abrindo novos horizontes e iluminando os problemas. Isto significa que, durante o trabalho, o corpo deve ser atentamente envolvido e autodeterminado.

Aquecimento

O corpo e os exercícios de encontro fazem parte do nosso aquecimento para começar a tornar isso possível e também ajudam a estabelecer contato real entre os participantes do grupo. Utilizamos uma larga gama de exercícios em pequenos grupos, com e sem música, que se concentram sobre o corpo e os sentidos. Alguns exercícios são projetados para que os participantes se divirtam em conjunto, para se espelharem mutuamente e para construir solidariedade, enquanto outros os veem unindo forças para excluir pessoas e separar os grupos. As emoções e os instintos dos participantes, do contexto de suas vidas reais, são ativados através deste trabalho, e os participantes que são vítimas, agressores e famílias mistas são capazes de se encontrarem e se conhecerem. Isso ajuda a criar uma atmosfera de atenção e abertura para lidar com a sensibilidade do assunto em questão.

Psicodrama e Sociodrama

Como uma regra, o trauma do período nazista não foi pessoalmente ou diretamente experimentado pelos participantes em nossos *workshops*. Eles não são sobreviventes da Shoa ou do Holocausto e não são agressores nazistas, mas são os seus filhos, netos e membros familiares. Estamos lidando com trauma transgeracional. Permitimos que a verdade subjetiva dos respectivos lados seja representada no palco do psicodrama com toda a tristeza, luto, vergonha, desespero, horror, raiva e culpa que isso implica. Assim, constrói-se uma ponte conectando os participantes com as histórias dos familiares de lados opostos.

Usando o sociodrama, exploramos a história da Segunda Guerra Mundial, investigando os elementos que causaram tal violência assustadora, dor e destruição na Europa e que levaram a essas mudanças radicais em todo o mundo. Consideramos as consequências para diferentes setores das populações que eram parceiros no conflito. Ao fazermos isso, pretendemos facilitar encontros entre descendentes das vítimas e dos agressores, e, assim, estabelecer um diálogo para lidar com a carga do trauma herdado das gerações anteriores.

Rituais

A Segunda Guerra Mundial e o Holocausto são uma história de crueldade, dor e sofrimento que deixou cicatrizes em ambas as vítimas e os perseguidores. Os vestígios permanecem conosco no presente e o processo é de longa duração. Não importa o quão produtivos os *workshops* sejam na criação de encontro, de diálogo e de cura, nós sabemos que as palavras não podem expressar completamente e exatamente as reações dos participantes ao Holocausto. A experiência fenomenológica e a expressão são necessárias. Assim, enquanto em Auschwitz trabalhamos psicodramaticamente no palco, incluímos, também, um processo de criação ritual individual no Campo da Morte Birkenau.

Uma das experiências mais difíceis dos sobreviventes do Holocausto e de seus descendentes é a ausência de um verdadeiro túmulo de concreto para chorar os mortos. Os rituais são uma parte integral de um evento psicodramático ou sociodramático porque fornecem concretizações simbólicas. Eles criam uma nova oportunidade para enterrar os mortos. Oferecem significado e uma espécie de encerramento para os eventos do passado. Podem tomar a forma de serviços religiosos, cerimônias memoriais, sepultamento, leitura de poesia, e canto ao lado de um túmulo imaginário. Alguns se tornam peças de teatro que incluem movimento e canto. Todos são apoiados pelo grupo todo, a comunidade que é necessária para segurar e conter em tais momentos. O ritual, como uma forma de compartilhamento individual psicodramática e sociodramática é um ato terapêutico. Permite aos participantes confrontarem o Holocausto de suas maneiras próprias e únicas, sem julgamento ou culpa. Ele

requer o uso da imaginação e criatividade e dá voz, um palco, uma forma para emoções que não foram claramente expressas antes. Cria uma perspectiva, um espaço luminal, uma realidade excedente que existe simultaneamente no passado e no presente, unindo o espaço entre os mundos interno e externo dos participantes. Leva à catarse, à mudança e a um sentido de integração. Alguns rituais se tornaram, para os seus criadores, a melhor e a mais profunda forma de enfrentar o Holocausto. Aqui estão alguns exemplos - andar descalço nos trilhos de ferro que conduzem ao crematório principal, atirar garrafas de vidro na parede do alojamento das mulheres, gritando e chorando, ouvindo música calma e harmônica de dentro de uma dos alojamentos, lendo o poema de Paul Celan "Fuga da morte", partilhando de um pão seco dentro de um círculo e comendo lentamente, participando de uma cerimônia onírica de enterro de uma mulher jovem.

Estas cerimônias ritualistas também permitem o compartilhamento de questões pessoais e interpessoais simultaneamente, e são, portanto, terapêuticas para todo o grupo. Focam na expressões de fortes emoções como raiva, culpa, medo, ansiedade, vergonha, desamparo, desesperança, humilhação e são, portanto, formas de reconhecimento do sofrimento do outro lado. É criado um equilíbrio entre o indivíduo e o grupo, um tipo de cura psicossocial. As ligações entre os indivíduos, o grupo e a comunidade são fortalecidas.

Em direção à cura e à reconciliação

Nesses *workshops* os participantes investigam maneiras diferentes através das quais os papéis de perseguidor e vítima são internalizados nos indivíduos e na sociedade. Eles exploram formas espontâneas, expressivas e modos criativos de lidar com a relação entre agressor e vítima, e são incentivados a encontrar "o outro lado".

O trabalho ativo através do corpo permite uma abertura segura e imediata do mundo emocional interior e um encontro com a verdade interna. Os participantes compartilham suas memórias, experiências, fantasias e sentimentos e dão voz ao seu sofrimento. Acontece, então a oportunidade de vencer a luta contra o anonimato, quebrando os hábitos sociais e familiares do silêncio. Os participantes contam e atuam suas histórias e, como resultado,

aprendem a enfrentar a sua própria história do Holocausto de uma forma genuína.

O trabalho psicodramático, sociodramático e ritual auxilia os participantes a passar das projeções, generalizações, preconceitos, pré-concepções e ilusões para o processo de aprendizagem. Os participantes aprendem a ser centrados, a assumir responsabilidade, olhar olho no olho, cara a cara com reconhecimento, empatia, respeito e aceitação.

Estes encontros entre os sobreviventes da segunda e terceira geração do Holocausto e dos agressores são muitas vezes comoventes, frequentemente dolorosos e, às vezes, impossíveis. Essas pessoas corajosas estão correndo o risco de conhecer e confrontar o outro lado de uma forma segura, trabalhando profundamente sobre este tema na frente dos outros, no grupo. Uma vez que o trabalho facilita uma experiência intensa para os participantes, estamos cientes do perigo de criar falsas proximidades que possam levar ao perdão prematuro. Não pretendemos alcançar a reconciliação, mas, às vezes, isso acontece espontaneamente e naturalmente, passo a passo, em um longo e lento processo. Os participantes são reunidos e unidos através deste trabalho e destes rituais. Eles experimentam a esperança, um sentido de pertencimento e alívio da solidão, do anonimato e da opressão pela enormidade do Holocausto.

Reflexões

Embora os descendentes das vítimas do Holocausto e dos agressores tenham o mesmo direito de representar os seus sofrimentos no palco do psicodrama e refletir sobre eles no contexto da história real, isso não significa que os sofrimentos dos dois lados sejam olhados de forma análoga. Para nós, é muito mais importante encontrar uma maneira de expressão que possa ser manifestada em uma linguagem comum que funcione diametralmente contra as realidades tradicionalizadas da época.

Como diretores de psicodrama de lados opostos do Holocausto, olhamos para nossa história e tivemos êxito na criação de um lugar seguro para uma expressão dolorosa, para a construção de confiança, e para desenvolver um

sentido de pertencimento. Queremos que os participantes aceitem o grupo do lado oposto, para compartilhar o medo, o ódio e o preconceito, para chegar a um encontro real e diálogo genuíno, em que as feridas podem ser sentidas, choradas e depois curadas. Para nós, a extensão da destruição causada pelo poder nazista tornou-se mais completa e a perda do povo judeu e sua cultura mais perceptível. Nestes 15 anos em que trabalhamos juntos, desenvolvemos um sistema de encontro e de diálogo, cheio de aceitação mútua, respeito, reconhecimento e amor. Nos verões de 2008 e 2010, realizamos uma nova semana do Seminário Internacional de Psicodrama em Cracóvia e em Auschwitz para os participantes de vários países, chamado "Vestígios do Holocausto no presente". Devido ao sucesso e o significado dessa experiência, planejamos oferecer esse formato novamente no futuro.

'Confrontando o Holocausto através do Psicodrama, Sociodrama e Rituais' é uma experiência dolorosa e purificadora para ambos os lados e, frequentemente, resulta na decisão de viver um futuro honroso e digno. Somos todos, agora, responsáveis por garantir que a história não se repita. A compreensão da dor que se tornou uma parte essencial da vida de uma pessoa, pode levar a uma decisão clara de jamais causar tal dor a si mesmo e compreender um relacionamento respeitoso e apaixonado com outras pessoas.

Mais informações sobre o trabalho e os *workshops* discutidos neste artigo podem ser encontradas no website do *Psychodrama Institute for Europe* (PIfE) (Instituto de Psicodrama para a Europa) <http://www.pife-europe.eu>

Bibliografia

- Bar-On, D. (1989). *Legacy of Silence: Encounters with Children of the Third Reich*. Harvard University Press, Cambridge, MA.
- Bar-On, D (1995). *Fear and Hope: Three Generations of the Holocaust*. Harvard University Press, Cambridge, MA.
- Bergmann, M.S. and Jacovy, M.E. (eds.) (1990). *Generations of the Holocaust*. Columbia University Press, New York.
- Celan, P. (1995). Death Fugue. In Hilda, S. (ed.) *Holocaust Poetry*, (p.39). St.Martins Griffin, New York.
- Kellermann, P.F. (2007). *Sociodrama and Collective Trauma*. Jessica Kingsley, London.
- Kellermann, P.F. (2009). *Holocaust Trauma: Psychological Effects and Treatment*. iUniverse.
- Krondorfer, B. (1995). *Remembrance and Reconciliation: Encounters Between Young Jews and Germans*. Yale University Press, New Haven and London.
- Muller-Hohagen, J. (1994). *Geschichte in uns.Psychogramme aus dem Alltag*. Kneselbeck Verlags KG, Munchen.
- Naor,Y. (1999) *The Theater of the Holocaust*. In Levine, S. & Levine, E.(eds) *Foundations of Expressive Arts Therapy*.Jessica Kingsley,London.
- Naor,Y. And Goett,H. (2011) *Confronting the holocaust through psychodrama,sociodrama and ritual*. In *Wiener, R. Adderley, D. & Kirk, K. (eds) Sociodrama in a Changing World*. Lulo.com.
- Rosenthal, G. (ed.) (1998). *The Holocaust in Three Generations: Families of Victims and Perpetrators of the Nazi Regime*. Cassell, London.
- Wajnryb, R. (2001). *The Silence: How Tragedy Shapes Talk*. Allen & Unwin, Crow's Nest, NSW, Australia.
- Wardi, D. (1992). *Memorial Candles: Children of the Holocaust*. Tavistock, London.
- Wiener, R. (2001). A Sociodramatist Goes To Work. In Chesner, A. & Hahn, H. (eds.) *Creative Advances in Groupwork*. Jessica Kingsley, London.

Biografia



Hilde Goett (Dipl.Soz.Päd) nasceu na Romênia, neta de membros da SS cujas esposas foram deportadas para a Sibéria. É instrutora certificada e supervisora de Psicodrama (DGSV) no Psychodrama Institute for Europe (PIfE) e é também presidente desse Instituto. Mora e trabalha em Berlim, Alemanha. É terapeuta de criança e adolescente, focando em trauma, violência doméstica e suicídio.

Hilde pode ser contatada em hildegott@t-online.de



Yaacov Naor (MA, GAC, TEP) nasceu na Alemanha, em um acampamento de pessoas desabrigadas para pais que eram ambos sobreviventes do Holocausto. Ele é terapeuta certificado, instrutor e supervisor em Psicodrama, fundador e diretor do ISIS ISRAEL-Psychodrama and Intermodal Expressive Arts Therapy Centre (EAT), em Tel-Aviv. Tem ministrado cursos na Europa, nos EUA, no Canadá, na Austrália e em Israel nos últimos 35 anos e também lidera grupos de diálogo para israelenses e palestinos.

Yaacov pode ser contatado em yaacovn@gmail.com